



A discriminação sociolinguística dos judeos magrebinos

Sociolinguistic Discrimination of Maghreb Jews

Damian Alejandro Dzienciarsky*

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | São Paulo, Brasil

damy1975@gmail.com

Resumo: Por intermédio deste artigo, tratarei de demonstrar que grande parte do léxico árabe, usado no hebraico falado, provém, em sua grande maioria, do árabe falado pelos judeus do norte da África. Por outro lado tratarei de explicar por que estas estruturas linguísticas são consideradas como parte do registro baixo da língua e quase todas elas têm conotação negativa, relacionando esta realidade à posição social e cultural dos judeus falantes do árabe, ou seja, uma posição de marginalidade na sociedade israelense desde a chegada em massa dos imigrantes de países árabes. Analisando a penetração linguística destas palavras e a sua conotação negativa, podemos inferir que este fenómeno está diretamente relacionado a uma forma de discriminação sociocultural do falante.

Palavras-chave: Hebraico. Sociolinguística. Discriminação.

Abstract: The aim of this paper is to prove that a considerable amount of the Arabic terminology that appears in spoken Hebrew comes, almost in its entirety, from Arabic spoken by Jews in North Africa. Additionally, I will endeavor to explain why these linguistic structures are considered below standard and almost all of them are perceived as having negative connotation, relating this reality to the socio-cultural position of Jews speaking Jewish Arabic, that is, a position marginalized within Israeli society ever since the massive arrival of immigrants from the Arab countries. By analyzing the linguistic penetration of these terms as well as their negative connotation, we may infer that this phenomenon is directly linked to a form of socio-cultural discrimination against such speakers.

Keywords: Hebrew. Sociolinguistics. Discrimination.

Introdução

Durante a minha graduação no Departamento de Línguas Semíticas da Universidade de Tel Aviv, fui percebendo que grande parte do hebraico moderno está impregnada de fonemas, lexemas, morfemas e até estruturas sintáticas provenientes do árabe. Em um primeiro momento, pensei que essa penetração linguística tinha a ver, principalmente,

* Professor no Centro de Estudos da Linguagem (CEL) na Universidade Estadual de Campinas.



com o fato de ser o árabe uma língua muito falada em Israel, mas depois entendi que o significado dessas palavras não só era pejorativo, mas também possuía uma carga emocional e cultural. De que forma, realmente, entraram essas palavras no idioma hebraico? Por que o significado destas é discriminador e negativo? Avalio que a resposta não se relaciona tanto à influência do árabe falado pelos palestinos,¹ mas ao árabe falado pelos judeus africanos.

1 Os Magrebinos

Os judeus provenientes do Norte da África (Tunísia, Marrocos e Argélia) emigraram a Israel depois da declaração do Estado em 1948, no que ficou conhecido com a imigração massiva dos anos 1950,² já que entre 1948 e 1952 chegaram entre 800.000 e 1.000.000 de judeus do norte da África, entre os quais um número significativo foi de judeus magrebinos. Eles chegaram ao país falando suas línguas maternas, isto é, árabe e francês. Magreb é o nome com o qual se conhece a região do norte da África, que compreende o Marrocos, a Tunísia e a Argélia. O árabe padrão ou literário é a língua oficial em todos os Estados magrebinos. Como explica Sánchez a segunda língua é o francês em todos esses Estados.³ Sabemos que os judeus magrebinos emigraram a Israel e trouxeram com eles sua cultura e suas línguas, o que nos permite entender por que tantas palavras, frases ou estruturas linguísticas do árabe penetraram no hebraico de forma inconsciente através da fala dos imigrantes do Magreb. Mas por que quase todas as penetrações linguísticas provenientes destes falantes têm conotações negativas ou são consideradas parte de um registro baixo da língua?

Chegando a esse ponto, é fundamental esboçar algumas hipóteses de cunho sócio-histórico para compreender o processo de deslegitimação da língua utilizada pelos mizrachim,⁴ em especial, aqueles provenientes do Magreb.

2 O Sionismo, a chegada dos imigrantes e a criação do Estado

Como fora esboçado muito brevemente na minha pesquisa de doutorado, o projeto sionista, incluindo o renascimento da língua hebraica como língua moderna e falada, foi um empreendimento dos judeus ashkenazitas, i.e., dos judeus europeus. O ideal sionista

¹Minha suposição era baseada em que os árabes israelenses, a partir da fundação do Estado de Israel, fossem considerados e tratados como cidadãos de segunda categoria.

² PICARD, 1999.

³ SANCHEZ, 2007, p. 116.

⁴ Termo gerado na sociedade israelense. Refere-se aos judeus provenientes dos países árabes e islâmicos.



do “retorno dos exílios” e da “reunião dos exílios”,⁵ entretanto, não foi um processo pacífico e isento de conflitos. Assim, o novo judeu, o *sabra*,⁶ deveria ser a antítese do judeu diaspórico, este último ligado à tradição judaica religiosa, confinado em bairros ou guetos judaicos, perseguido, dedicado ao estudo ou a atividades comerciais, enfim, longe da terra, do trabalho da terra e incapaz de defender-se de ataques antissemitas. Os componentes socialistas e cooperativistas da ideologia sionista em seus primórdios também estiveram permeados pela visão de mundo europeia da época. Mas, quando o Estado de Israel foi proclamado em 1948, grande parte dos imigrantes que chegaram entre 1948 e 1952 eram provenientes dos países árabes e muçulmanos. Mais precisamente, entre os imigrantes que o novo Estado recebeu nesse período, a metade era composta por sobreviventes da Segunda Guerra e a outra metade, por judeus do Magreb, da África do Norte, de diferentes regiões da Ásia. Esses imigrantes foram chamados *mizrachim* ou orientais, e que com o passar dos anos foram conhecidos em Israel como os *bnei edot ha'mizrach*: os filhos das comunidades orientais.

Evidentemente, essa classificação não respondeu a um critério geográfico. Segundo Marta Topel⁷ ela teve como objetivo principal inserir em uma categoria todos os novos imigrantes não europeus apagando as singularidades socioculturais de cada uma das comunidades. É interessante assinalar, como o faz Topel no capítulo 4, que tal categoria é um tanto curiosa uma vez que não existe a oposta, i.e., os *bnei edot ha'shkenaz*.

3 A realidade dos judeus do Magreb

Como descreve Nancy Rozenchan,⁸ ao chegarem ao país, os marroquinos viveram por dois meses em acampamentos de imigrantes; a seguir foram levados às *maabarot*,⁹ moradias rústicas (tendas e barracões de lata) que, apesar da previsão de serem utilizadas por um breve período, perduraram por muito tempo.

O tema da conflituosa adaptação dos judeus orientais à sociedade israelense secular e moderna foi alvo de numerosas pesquisas, cunhando-se a expressão *kipuach bnei edot*

⁵ Frase bíblica referente à promessa de que o povo judeu se juntará novamente na Terra de Israel.

⁶ *Tzabar* é um termo que começou como uma gíria e se tornou parte da língua hebraica padrão. Usa-se para se referir a todo judeu nascido na Terra de Israel.

⁷ TOPEL, 1996.

⁸ ROZENCHAN, 2007, p. 20.

⁹ Acampamentos temporários para imigrantes que chegaram a Israel nos anos 1950. A maioria das casas dentro desses acampamentos era feitas de lata ou tecido (condições muito ruins).



ha'mizrach: a discriminação das comunidades orientais.¹⁰ Além do mais, essa problemática não se resolveu nem ficou esquecida do cenário israelense e, na atualidade, numerosos pesquisadores de áreas diferentes, como as ciências sociais, a história e os estudos culturais revelaram novos dados relacionados ao fenômeno mencionado.¹¹ As polêmicas e críticas geradas pelo documentário *Salach, po ze eretz israel* (2017)¹² são um indicador importante de que a relação do *establishment* político israelense com os judeus orientais que chegaram ao país continua sendo alvo de debate.

Com o objetivo de aprofundar a conotação negativa do léxico árabe falado no hebraico, a partir de uma abordagem sociohistórica, é necessário levar em consideração que a discriminação, os preconceitos e o controle cultural das populações chamadas orientais têm raízes profundas. Assim, em seu clássico *Orientalismo*, Edward Said afirma¹³ que os estereótipos atribuídos às culturas orientais e aos indivíduos tidos como orientais são muito específicos: os orientais são despóticos quando estão em situações de poder e facciosos e subservientes quando ocupam posições subalternas. Os orientais são capazes de abstrações sofisticadas, mas incapazes de organizar-se de forma prática. Na mesma obra, Said argumenta que o oriental é um mito produzido pelo pensamento europeu a partir do século XVIII. De algum modo, seu livro é uma tentativa de dismantelar esse mito, além do mais, identificar as características do Orientalismo como um tipo de discurso.

Assim, Said afirma que os europeus dividiram o mundo em duas partes: Oriente e Ocidente, civilizados e não civilizados. Segundo ele, esta é uma divisão totalmente artificial construída sobre a base da dicotomia “nós” e “eles” na qual o “nós”, a priori, representa tudo o que é civilizado e o “eles”, também a priori, tudo o que é primitivo. Por outro lado, estas categorizações ajudaram os europeus a se definirem a si mesmos: os atributos associados aos orientais eram aqueles cujos opostos caracterizavam os ocidentais. Essa foi uma estratégia para justificar a colonização da Ásia e da África. Sua crítica mais radical, endossada por pesquisadores contemporâneos, é que os orientalistas que fizeram generalizações com objetivos políticos de dominação, não incluíram em suas pesquisas a voz dos orientais e, finalmente, criaram uma fronteira absolutamente artificial entre Oriente e Ocidente.

¹⁰ KIMERLING, 2004; SMOOHA, 1996.

¹¹ SHENHAV, 2007; YIFTACHEL, 2000; ELLA, 2007.

¹² Filme documentário produzido e criado por David Deri, filho de imigrantes de Marrocos, ganhando vários prêmios e revivificando a crítica, para o Estado de Israel, sobre a descuidada absorção destes judeus à sociedade israelense.

¹³ SAID, 2003, p. 293.



4 Consolidando o Estado de Israel

Para compreender a *aliá*¹⁴ da década de 1950 em Israel, identificada principalmente com a dificuldade de absorver os imigrantes orientais, é importante definir quais eram as problemáticas mais urgentes e importantes nessas primeiras décadas da existência do Estado de Israel, e quais foram as regras pré-estabelecidas para que o projeto sionista se concretizasse.

Na dimensão estrutural, destacamos oito questões, tanto políticas, quanto sociais, econômicas e demográficas. Assim:

- 1) Até a guerra de 1967, a própria existência do Estado de Israel estava em jogo como consequência das guerras desencadeadas pelos países vizinhos;
- 2) Necessidade de desenvolver uma economia estatal, sob o ideal dos *chalutzim*;¹⁵
- 3) Economia precária;
- 4) Povoamento das terras concedidas com a Partição da Palestina;
- 5) Criação e desenvolvimento de instituições políticas, judiciais, educativas;
- 6) Absorção dos *olim*;¹⁶
- 7) Organização de um exército capaz de defender o recém-criado estado das contínuas ameaças dos países árabes e muçulmanos;
- 8) Altos índices de desemprego.

Na dimensão ideológica, o grande desafio para as elites culturais e políticas era consolidar uma identidade coletiva que superasse as identidades particularistas dos *olim*, principalmente dos imigrantes orientais. Essa nova identidade deveria articular-se ao redor de uma relação especial dos judeus com seu passado e seu futuro, que nesse momento se opunha à visão religiosa da vida judaica transcorrida durante séculos na diáspora. A nova identidade se expressou na lealdade dos judeus ao Estado de Israel, às premissas sionistas, assim como elas eram concebidas pelas elites. O renascimento da

¹⁴ O termo hebraico é utilizado para se referir aos judeus que vão morar em Israel.

¹⁵ *Chalutzim* eram chamados àqueles judeus que chegaram à Palestina com o objetivo de levantar uma nova nação e dispostos a qualquer tarefa para alcançar este fim.

¹⁶ Este termo, *olim*, vem do verbo hebraico *laalot* que significa subir. Foi definido segundo as Fontes judaicas e a lei israelense. Segundo as fontes, quando um judeu chegava a Israel, se dizia que subia a Israel, fazendo referência a uma elevação espiritual. Em termos legais, será um *Olé* aquela pessoa judia que decide estabelecer-se em Israel.



língua hebraica e seu estabelecimento como língua oficial do Estado foram fundamentais para a concretização da nova identidade israelense.

Para alcançar esse objetivo, construiu-se uma narrativa que, em pouco tempo, foi ubíqua e deslegitimou qualquer intento de ver, compreender e agir de forma alternativa. Nesse sentido, a narrativa sionista prescreveu os limites do discurso e das práticas não discursivas. Porém, não se deve homologar a sociedade israelense aos regimes totalitários, uma vez que estamos falando de um regime democrático.¹⁷ O ponto para se entender o poder do Sionismo e do discurso sionista é a legitimidade imanente a ele. Se uma história pós-sionista dos acontecimentos dessa época trata de dar ênfase aos conflitos, a narrativa sionista os minimizou ou negou sua existência. É importante lembrar que, na academia israelense, alguns pesquisadores desenvolveram pesquisas que tentaram demonstrar o primitivismo dos imigrantes orientais. O poder da narrativa sionista foi a construção de um consenso nacional, por meio de diferentes práticas discursivas e não discursivas.

Segundo Yaron Ezrahi,¹⁸ o sionismo é uma narrativa épica, na qual não há lugar para o indivíduo e narrativas alternativas. Como movimento, o Sionismo inspirou-se mais no nacionalismo e diversas variantes coletivistas do socialismo do que no liberalismo democrático individualista. Nessa concepção, qualquer indício de individualismo era considerado fraqueza, egoísmo, depravação moral e materialismo. O pioneiro, encarnado na figura do morador de kibutz¹⁹ foi o ideal mais prezado. E apesar dos kibutzim não representar mais do que 5% da população, o enaltecimento do papel de quem morava nele foi projetar ideais de altruísmo, camaradagem, sacrifício em prol do todo, patriotismo e alta moral em relação ao trabalho. Estes ideais eram compartilhados pela maioria dos setores da sociedade israelense que os consideravam fundamentais para a existência do Estado. Entretanto, ideais e valores cooperativistas, seculares, socialistas e modernos não faziam parte do repertório cultural dos imigrantes orientais que chegaram a Israel com outros ideais, basicamente, conseguir ser melhores judeus na Terra de Israel, dando continuidade às tradições que trouxeram de seus países de origem.

As organizações que veiculavam esses ideais na população eram: o exército que, nas primeiras décadas do Estado, teve funções fundamentais na sociedade civil; os *ulpanim*²⁰ para *olim*; as escolas públicas; os movimentos juvenis e os meios de comunicação que, é necessário assinalar, estavam centralizados ao redor do partido hegemônico: MAPAI

¹⁷ EZRAHI, 1996.

¹⁸ EZRAHI, 1996.

¹⁹ É um assentamento comunitário israelense, baseado no socialismo, no trabalho agrícola, propriedade coletiva, salário igualitário e a prática de um judaísmo secular.

²⁰ Escolas de hebraico para os imigrantes.



(partido trabalhista liderado pela figura carismática do primeiro ministro de Israel: David Ben- Gurión). Nesse discurso, os conceitos chave para compreender a realidade tinham como base a dicotomia exílio- pátria, com suas conotações negativas e positivas.

A hegemonia do discurso sionista sofreu as primeiras rupturas nos cenários social, cultural e político a partir das Guerras de 1967 (Guerra dos seis dias), de 1973 (Yom Kipur) e 1982 (Guerra do Líbano I). Esta guerra de 1982 e a primeira Intifada em 1987, com certeza, marcaram o fim desse consenso nacional construído desde a chegada dos primeiros pioneiros no final do século XIX, início do século XX.

5 Os mizrachim: tentativas de adaptação

Kimmerling²¹ aponta o movimento Panteras Negras como uma das primeiras vozes que entraram em conflito direto com o consenso nacional. Assim, na Guerra de Yom Kipur, pela primeira vez, os mizrachim participaram num conflito bélico, selando o “pacto de sangue” necessário para serem considerados verdadeiros e leais cidadãos do Estado. O alto número de soldados mizrachim que participaram dessa guerra fez pensar que a adaptação deles à sociedade israelense tinha sido alcançada. Porém, os distúrbios violentos em Wadi Salib (Haifa) na década de 1950 e em Jerusalém em 1971 tiveram a função de mostrar aos israelenses que a questão étnica não havia sido resolvida. Os Panteras Negras, provenientes da periferia de Jerusalém, organizaram manifestações na cidade contestando pela primeira vez publicamente o *kipuach edot ha'mizrach*, reivindicando acabar com a discriminação, elevar o nível de vida dos orientais, ajudar os filhos dos orientais a conseguir uma inserção igualitária no sistema e a incorporar a cultura oriental à cultura israelense.

Erik Cohen²² assinala que depois de décadas de ameaça à existência do Estado e da precária situação econômica, a década de 1970 se revelou como o momento no qual os orientais entenderam legítimo expressar publicamente as suas reivindicações. A sociedade israelense deu os primeiros passos para refletir sobre os conflitos internos.

Apesar das pressões para se ocidentalizarem, ainda na década de 1970 e, em muitos casos, na atualidade, os mizrachim não tinham conseguido chegar ao status social dos ashkenazim. As cidades em desenvolvimento²³ mais pobres eram povoadas por mizrachim, assim como as periferias das grandes cidades. Foi na periferia de Jerusalém

²¹ KIMMERLING, 2004.

²² COHEN, 1972, p. 170.

²³ Cidades em desenvolvimento, em hebraico: *Aiarot pituach*, é um nome dado para um conjunto de localidades que foram estabelecidos a partir de meados da década de 1950 e 1960, distantes dos centros urbanos, mais tarde se tornaram em áreas atingidas pela pobreza, desemprego e desespero.



que surgiu o Movimento dos Panteras Negras. E é nessa época que Alex Weingrod²⁴ falará da existência de um Primeiro e um Segundo Israel. Em relação ao movimento dos Panteras Negras, em particular, e à discriminação contra os orientais em geral, a explicação das lideranças e da sociedade israelense como um todo foi a seguinte: os orientais chegaram com uma cultura primitiva, porém, depois de se ocidentalizarem na segunda geração, as brechas entre ashkenazim e orientais desapareceriam. Isto não aconteceu.

É importante destacar que o que os Panteras Negras reivindicavam era uma plena participação dos orientais na vida israelense como orientais e não como orientais ocidentalizados. Todavia, o Movimento, embora possa ser apontado como uma das primeiras vozes anti-*establishment* que se fizeram ouvir no cenário israelense, não foi suficiente para consolidar estratégias que permitissem a reformulação do discurso sionista que incluísse a realidade sociocultural dos imigrantes dos países orientais.

6 Novos atores sociais na luta contra a discriminação (1985-2010)

Embora durante décadas a situação dos orientais não tenha ocupado um lugar central nos conflitos diversos que assolam à sociedade israelense, é importante salientar que a situação das segunda e terceira gerações, embora tenha melhorado se confrontada à dos imigrações da década de 1950, não pode equiparar-se à mobilidade ascendente pela qual passaram os imigrantes ashkenazitas. Em função dessa realidade, o fenômeno da luta contra o *kipuach edot ha' mizrach* (a discriminação das comunidades orientais) tem adotado novas facetas e novas estratégias. Estou me referindo, basicamente, ao grande poder de convocatória que teve o partido político SHAS²⁵ entre meados de 1980 e 2010. Liderado pelo carismático rabino Ovadia Yosef, o SHAS tem desenvolvido numerosas táticas para lutar contra a discriminação dos mizrachim. Assim, além das reivindicações no Parlamento israelense, o SHAS criou uma extensa rede educativa, ajuda para estudantes de academias rabínicas e apoio psicológico, espiritual e financeiro para aqueles jovens orientais que não conseguiram espaço na sociedade israelense, caindo, frequentemente, na criminalidade e nas drogas. Para esses jovens, como condição para receber ajuda, exige-se um compromisso religioso rígido.²⁶

É necessário esclarecer que o “primitivismo” dos imigrantes orientais foi uma expressão usada abertamente em discussões públicas na década de 1950: na sociedade geral, no

²⁴ WEINGROD, 1962.

²⁵ Partido político de Israel, representante dos sefardís ortodoxos.

²⁶ LEHMANN; SIEBZEHNER, 2006.



Parlamento e na própria Academia.²⁷ Assim, por exemplo, no jornal *Ha'aretz*²⁸ (22 de abril de 1949), o colunista Arye Gelblum escreveu:

Uma séria e ameaçadora questão é colocada pela imigração da África do norte. Essa é a imigração de uma raça que até agora nunca tínhamos conhecido neste país...

Nela há pessoas cujo primitivismo alcança o ponto máximo. Seu nível educacional atinge os limites da ignorância absoluta. Mais séria ainda é a incapacidade para absorver qualquer coisa que seja intelectual. Quantos obstáculos vamos ter de superar para educar esses africanos!... Quando um imigrante búlgaro discutiu com um marroquino para que respeitasse seu turno na fila do almoço, o sujeito tirou uma faca e lhe cortou o nariz...

Nos quarteirões dos africanos [preste-se atenção que Gelblum não se refere a eles como norte-africanos], nos campos transitórios nos quais eles vivem, só se encontra sujeira, jogo de cartas e apostas, fornicação e embriaguez... sem mencionar a imoralidade e os roubos que lá imperam... Em um dos campos eles tramaram uma revolta que incluía o assassinato de um dos funcionários da Agência Judaica.

O que, então, pode ser feito com eles? Como “absorvê-los”?... E a eles vão se juntar mais e mais imigrantes. Se esse processo não for realizado com cautela e gradativamente, eles iram-nos “absorver”, em lugar de nós os “absorvermos”.

Os acadêmicos (antropólogos, sociólogos, educadores e assistentes sociais), apesar de terem tentado mitigar os excessos da política da mistura dos exílios, compartilhavam com as elites políticas a premissa básica de que a “absorção” dos novos imigrantes pela sociedade israelense era necessária e positiva.

Um dos resultados da política de absorção foi enfatizar as características estruturais das comunidades orientais e os traços psicológicos dos imigrantes, sem compreender a importância da cultura como mecanismo de adaptação. Assim, os imigrantes orientais foram transformados em objeto de políticas públicas e de ideologias desenvolvidas pelas elites asquenazitas. O fardo do processo de absorção centrou-se no indivíduo, já que as famílias e culturas dos orientais foram relegadas a um segundo plano. Nesse processo, os imigrantes orientais tiveram as culturas neutralizadas e a interação com os membros da

²⁷ SEGEV, 2008.

²⁸ É um jornal diário israelense, fundado em 1919, é publicado em hebraico e em comparação com outros jornais diários em hebraico, *Haaretz* é de gama alta, com artigos mais longos, letra pequena, menos imagens e seções diárias sobre ciência e literatura. As suas visões sobre o conflito israelense-palestiniano tendem a ser esquerdistas e seculares.



sociedade maior foi efêmera (dado o isolamento das comunidades às quais foram encaminhados) ficando nas periferias urbanas e rurais da sociedade israelense.

7 Exemplos e consequências da discriminação

Sendo essa a situação dos judeus orientais em geral e do Magreb em particular, é lógico pensar que o hebraico, misturado com o árabe falado por eles, fosse rejeitado também. Nem eles nem sua língua foram aceitos, por isto quase toda penetração linguística do árabe para o hebraico, foi assumida como uma contaminação do hebraico e, como consequência, a maioria de palavras e estruturas linguísticas do árabe magrebino no hebraico, carrega uma forte conotação negativa.

Citarei, a seguir, alguns exemplos da penetração do árabe magrebino no hebraico.

1 Marroquino faca- (מְרוֹקָאִי-סַכִּין)

É um termo racista para os judeus do Marrocos, vinculando-os à violência. Segundo o sociólogo S. Eizenshtadt,²⁹ o apelativo começou a ser usado em Israel entre os anos 1950 e 1960, quando esses judeus chegaram a Israel e tem origem na tradição marroquina de espantar os demônios deixando uma faca com sal embaixo da almofada. Roni Somek³⁰ escreveu em sua poesia “Shir Patrioti” (canção patriótica):

”הַחֶבֶר שְׁלֵנוּ, מְרוֹקוּ-סַכִּין, תּוֹקֵעַ מִזְלָג
מִפְּלֵדָה אֲנִגְלִית בְּדָג שְׁנוּלָד
בְּחוּפֵי נוֹרְבָגִיה”.

“Nosso amigo, Marrocos-faca, enfia um garfo de aço inglês em um peixe que nasceu nas costas da Noruega”.

2 Masuda miSderot- (מַסְעוּדָה מִשְׁדְּרוֹת)

Personagem estereotipado do judeu magrebino, caracterizado pelo baixo nível cultural e vivendo na periferia. Essa expressão foi criada pelo jornalista Alex Guiladi em uma entrevista para o jornal *Hatikshoret*, de 1993: “Eu faço televisão para Masuda de Sderot, e também para Moshé Ravinovich de Yavnel”. (A ideia é que ele faz televisão para todos, desde um miserável até um asquenazita, entendendo isto pelo sobrenome usado, Ravinovich).

”אני עושה טלוויזיה בשביל מסעודה משדרות, וגם בשביל משה רבינוביץ מיבנאל”.

²⁹ EIZENSHTADT, 1988, p. 322.

³⁰ SOMEK, 2005, p. 2.



3 Frecha - (פְּרִיחָה) - فرحا

No Magreb, costumava-se chamar assim as mulheres jovens. O significado dessa palavra seria alegria. Em hebraico, adotou-se o termo para denominar uma jovem vulgar. Assim, uma palavra de conotação positiva passou a ser negativa, deduzindo-se que o único motivo é a origem desse termo.

4 Tchach'tchach - (צ'חצ'ח) - (צ'חצ'ח)

Apelido que zomba dos judeus marroquinos pela imitação fonética do árabe magrebino. Nas eleições de 1981, essa palavra transformou em um produto político que, de algum modo, conduziu Menachem Begin ao triunfo.

5 Chnun³¹ - (חֲנוּן) - حنون

Refere-se à pessoa inteligente, mas cujos interesses não vão ao encontro dos interesses das pessoas que a rodeiam. Seria o equivalente à palavra inglesa *nerd*. O uso em hebraico é, geralmente, negativo.

6 Lehavriz - (להבריז) - برز

Este verbo usado em hebraico provém do verbo marroquino *brez*, que significa escapar. Em árabe, usa-se para dizer “isso escapou de suas mãos”. Em hebraico é faltar a algum lugar ou faltar uma pessoa.

7 Chanaj - (חָנַי) - شهناز

O significado dessa palavra é imundo, com mau cheiro.

8 Charta - (חֲרָתָה) - خدش

Em árabe, significa “arranhão” e se usa quando alguém faz as coisas, mas não de forma definitiva. Arranhar algo é fazê-lo, mas não até o fim, não de forma definida. Em hebraico, o uso dessa palavra se refere a algo indefinido, sem sentido.

9 Farsh - (פֶּאֶרֶשׁ) - فارش

Uma coisa sem valor, miserável. Literalmente, *farsh*³² é o tabaco que se mistura à droga para fazer um cigarro.

Conclusão

³¹ Ver: <http://www.nrg.co.il/online/1/ART1/021/031.html>

³² ROZENTAL, 2010.



É quase impossível evitar que a língua materna de um falante não penetre, de maneira inconsciente, em uma nova língua. Por isso, o falante proveniente do Magreb incluiu muitas palavras e estruturas no hebraico adquirido.

Os sentimentos de injustiça pelas discriminações e consequentes desigualdades socioeconômicas e o isolamento em todos os níveis de vida nacional foram logo nitidamente perceptíveis entre os imigrantes do Magreb, desde o fato de serem direcionados a localidades de moradia em lugares específicos, geralmente em condições muito precárias, isolados dos eixos principais da vida do país.

A imposição de nivelar todos os israelenses despojando-os de suas características particulares levou a um acúmulo de dificuldades e afetou, de algum modo, o respeito pela estrutura familiar tradicional, fortemente centralizada na figura patriarcal. A sociedade receptora, ou seja, os israelenses de origem europeia, referia-se a esses imigrantes, cuja cultura era considerada inferior à cultura ocidental predominante no país, como “primitivos”.

Sendo os judeus do Magreb considerados um grupo étnico discriminado, também é seu repertório cultural. O hebraico falado por eles é considerado inferior e primitivo, e a inclusão do vocabulário árabe no hebraico falado tem conotações negativas pelo vínculo deste com os magrebinos. Podemos concluir, então, que estamos na presença de uma deslegitimação linguística como consequência de uma discriminação dos falantes.

Referências

COHEN, Erik. The Black Panthers and Israeli Society. *The Jewish Journal of Sociology* 14, n. 1, London, p. 93- 109, 1972.

DZIENCIARSKY, Damián A. *A extraposição no Hebraico. Um fenômeno linguístico do idioma ou discriminação dos judeus da comunidade oriental*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-08012013-144053/pt-br.php>. Acesso em: 11 out. 2019.

EIZENSHTADT, Shmuel. *Haxevrá Haisraelit Bitmuroteia (A sociedade israelense e as mudanças)*. Jerusalem: Agnus Press, 1988.

ELLA, Shohat. Os sefarditas em Israel. O sionismo do ponto de vista das vítimas judaicas. *Novos Estudos* 79, II, nov. 2007.

EZRAHI, Yaron. *Rubber Bullets: Power and Conscience in Modern Israel*. New York: Farrar: Straus and Giroux, 1996.

KIMERLING, Baruch. *Mehagrim, Mitiashvim, Ielidim (Migrantes, Colonos, Nativos)*. Tel Aviv: Am Oved, 2004.



LEHMANN, David; SIEBZEHNER, Batia. *Remaking Israeli Judaism: The Challenge of SHAS*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

PICARD, Avi, Reshitá shel haaliá ha selectivit bishnot haxamishim (Começo da imigração seletiva dos anos 50). *Iunim bitkumat Israel* 9, 1999, p. 338- 394.

ROZENCHAN, Nancy. Representação do marroquino na literatura hebraica contemporânea. *Arquivo Maaravi (UFMG)*, v. 1, n. 6, Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, p. 20-30, 2010.

ROZENTAL, Rubik. Hashpaat Iotzei Tzfon África al Halexicon Haisraelí (Influência dos migrantes do Norte da África sobre o léxico israelense). *Hed HaUlpán Hechadash*, n. 96, Jerusalem: Ministério de Educação israelense Press, p. 67- 72, 2010.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SÁNCHEZ, Pablo. Marruecos tras la conquista islámica: un estudio de geografía dialectal. *Estudios de dialectología norteafricana y andalusí*, n. 11, Zaragoza: IEIOP Press, p. 101-119, 2007.

SEGEV, Tom. *The First Israelis*. Universidade de Michigan, 2008.

SHENHAV, Yehouda. Modernity and the hybridization of nationalism and religion: Zionism and the Jews of the Middle East as a heuristic case. *Theory and Society*, 1-36, 2007.

SMOOHA, Samy. Shesaim Maamadiim, Edatiim Veleumim Ve Democratia Beisarel (Brechas de classe, étnicas e nacionais e democracia em Israel). In: RAM, Uri (Org.). *Hachevrá Haisraelit: Ebetim Bikortiim*, p. 172- 202 (A Sociedade Israelense: Tópicos críticos). Tel Aviv: Breirot Press, 1993.

SOMEK, Roni. Machteret Hexalav (A resistência do Leite). Hor Yehudá, Zmurá Bitán Press, 2005.

TOPEL, Marta. *Uma Tradição milenar, uma ciência moderna. A Antropologia Israelense: Autores e leitores*. Campinas: Unicamp, 1996.

WEINGROD, Alex. The Two Israels. *Commentary*. New York: The American Jewish Committee Press, n. 33, p. 313- 319, 1962.

YIFTACHEL, Oren. Social Control, Urban Planning and Ethno-Class Relations: Mizrahi Jews. *Israel's 'Development Towns'*. The Wiley-Blackwell Press, p. 1- 21, 2000.

Recebido em: 20/09/2019.

Aprovado em: 20/10/2019.